

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
CURSO DE PSICOLOGIA

Natália Fernanda Gnoatto

**VIOLÊNCIA SILENCIOSA: UM OLHAR PARA A VIOLÊNCIA
PSICOLÓGICA EM RELACIONAMENTOS AFETIVOS A PARTIR DA
QUÍMICA ESQUEMÁTICA**

Santa Maria, RS
2023

Natália Fernanda Gnoatto

**VIOLÊNCIA SILENCIOSA: UM OLHAR PARA A VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA EM
RELACIONAMENTOS AFETIVOS A PARTIR DA QUÍMICA ESQUEMÁTICA**

Trabalho de conclusão de curso,
apresentado ao Curso de Psicologia, da
Universidade Federal de Santa Maria
(UFSM, RS) – Santa Maria, como requisito
parcial para obtenção do título de Bacharel
em Psicologia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Samara Silva Dos Santos

Santa Maria, RS
2023

Natália Fernanda Gnoatto

**VIOLÊNCIA SILENCIOSA: UM OLHAR PARA A VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA EM
RELACIONAMENTOS AFETIVOS A PARTIR DA QUÍMICA ESQUEMÁTICA**

Trabalho de conclusão de curso,
apresentado ao Curso de Psicologia, da
Universidade Federal de Santa Maria
(UFSM, RS), como requisito parcial para
obtenção do título de Bacharel em
Psicologia.

Aprovada em 06 de dezembro de 2023

**Samara Silva Dos Santos, Doutora em Psicologia (UFSM)
Orientadora**

Thamires Pereira Barbosa, Mestre em Psicologia (UFSM)

Marcela Silveira Reiniger, Especialista em Psicologia (UFN)

Santa Maria, RS
2023

Para as mulheres que, nos escombros da violência,
encontram coragem para ressignificar o amor.

AGRADECIMENTOS

Desejo expressar minha profunda gratidão à minha família, cujo apoio e estímulo foram fundamentais para que eu pudesse descobrir e perseguir meus sonhos. À minha mãe, que invariavelmente me proporcionou força e fez todos os esforços para aliviar as dificuldades impostas pela distância. Aos meus irmãos, cujo comprometimento e dedicação se tornaram exemplos edificantes, sempre presentes nos momentos em que mais necessitei. A meu pai, cuja incansável luta e determinação visavam o futuro de seus filhos. Às minhas queridas amigas, Beatriz Baticini Vitto e Rafaella Boemo Mario, por seu caloroso acolhimento que transcendeu as barreiras físicas, encontrando um lugar especial em seus corações. Em particular, à família Mario, que se tornou minha segunda família ao longo de todo o período de graduação, destacando-se Rosa Boemo, que não apenas compartilhou sua sabedoria maternal, mas também demonstrou carinho e empatia incondicionais.

Não posso deixar de mencionar meu melhor amigo, Gabriel Pereira Silva, cuja incessante motivação e os preciosos momentos compartilhados enriqueceram nossa jornada conjunta. Expresso minha sincera gratidão aos pais de Gabriel, Lucia Cristina e Marcos Célio, que desde o primeiro encontro me acolheram como uma filha. Minha melhor amiga, Thiana Cella, merece um lugar de destaque por sua lealdade inabalável e sua parceria na trajetória da vida, tornando-se uma inspiração de força e coragem. Giselle Paschoal e Isabela Bandeira, minhas amigas que foram meu refúgio diário, merecem reconhecimento especial.

Ao meu amigo Iago Rodrigues, que compartilhou comigo tantos momentos memoráveis e significativos durante nossas jornadas à Porto Alegre, expresso minha gratidão sincera. À minha amiga e sábia conselheira, Edlaine Carvalho Rocha, que sempre me tratou como uma filha e ofereceu um espaço especial em seu coração, estendo minha profunda apreciação. Por fim, não posso deixar de mencionar minha estimada professora e orientadora, Samara Silva dos Santos, cujo compartilhamento de conhecimento e exemplo como figura profissional e humanitária serviram de inspiração inestimável.

RESUMO

VIOLÊNCIA SILENCIOSA: UM OLHAR PARA A VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA EM RELACIONAMENTOS AFETIVOS A PARTIR DA QUÍMICA ESQUEMÁTICA

AUTORA: Natália Fernanda Gnoatto
ORIENTADORA: Samara da Silva Santos

A violência é um fenômeno que transcende fronteiras, manifestando-se de diversas formas e frequentemente enraizada nos valores morais e culturais de cada sociedade. No caso da violência psicológica, caracteriza-se por ser uma manifestação silenciosa, muitas vezes imperceptível para a vítima. O objetivo central deste estudo consiste em abordar e analisar a dinâmica da violência psicológica, com foco na caracterização e interação dos Esquemas Iniciais Desadaptativos (EIDs) em relações afetivas abusivas heterossexuais, por meio de uma revisão narrativa da literatura. O trabalho teórico tem como propósito explorar os traços de personalidade individuais e como estes interagem por meio dos EIDs, além de considerar a influência da química esquemática e dos aspectos culturais transmitidos entre gerações. Nesse contexto, discute-se as intervenções em psicoterapia pelo viés da Terapia do Esquema (TE) com o intuito de proporcionar um espaço seguro para a recuperação e transformação das relações afetivas abusivas heterossexuais, visando à promoção de relacionamentos mais saudáveis e harmoniosos.

Palavras-chave: Relacionamentos Íntimos. Terapia do Esquema. Química Esquemática.

ABSTRACT

SILENT VIOLENCE: A LOOK AT PSYCHOLOGICAL VIOLENCE IN AFFECTIVE RELATIONSHIPS FROM SCHEMATIC CHEMISTRY

AUTHOR: Natália Fernanda Gnoatto

ADVISOR: Samara da Silva Santos

Violence is a phenomenon that transcends barriers, manifesting itself in different ways and often rooted in the moral and cultural values of each society. In the case of psychological violence, it is characterized by being a silent manifestation, often imperceptible to the victim. The central objective of this study is to characterize and analyze the dynamics of psychological violence, focusing on the characterization and interaction of Initial Maladaptive Schemas (EIDs) in heterosexual abusive affective relationships, through a narrative review of the literature. The research aims to explore individual personality traits and how they interact through EIDs, in addition to considering the influence of schematic chemistry and cultural aspects transmitted between generations. In this context, psychotherapy interventions were discussed from the perspective of Schema Therapy (TE), with the aim to provide a safe space for the recovery and transformation of heterosexual abusive affective relationships, aiming to promote healthier and more harmonious relationships.

Keywords: Intimate Relationships. Schema Therapy. Schematic Chemistry

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 ESTUDOS SOBRE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A MULHER	12
2.1 DINÂMICA E TRANSGERACIONALIDADE DA VIOLÊNCIA	12
2.2 TERAPIA DO ESQUEMA: CONSTRUÇÃO DE COMPREENSÕES EM SITUAÇÕES DE VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA PERPETRADA POR PARCEIROS ÍNTIMOS CONTRA MULHER	14
3 DISCUSSÃO	18
3.1 INTERAÇÃO ESQUEMÁTICA E A PERPETUAÇÃO DE RELACIONAMENTOS AFETIVOS DANOSOS	18
3.2 INTERVENÇÕES EM TERAPIA DO ESQUEMA – PERSPECTIVAS DA TERAPIA INDIVIDUAL E DE CASAL EM RELACIONAMENTOS COM VP	22
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	25
REFERÊNCIAS	27

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo analisar a dinâmica da violência psicológica a partir da caracterização e interação de Esquemas Iniciais Desadaptativos (EIDs) em relações afetivas abusivas heterossexuais. Para isso, será usado o modelo teórico da Terapia do Esquema, com o objetivo de contribuir para o reconhecimento e rompimento dessa violência, a partir de uma revisão narrativa da literatura. A violência é um fenômeno que acompanha a humanidade e pode ser que sempre tenha participado da experiência humana (OMS, 2002). Seu impacto é visto de várias formas em diversas partes do mundo, e é constituído a partir de concepções culturais, sendo atrelado às normas e valores sociais. É um problema que transcende as fronteiras de setores específicos, sendo inerentemente uma questão social (SACRAMENTO; REZENDE, 2006). E por isso, a existência de variedades de sistemas morais em todo o mundo torna a discussão sobre violência um tema altamente complexo e politicamente delicado de se abordar (MANUEL, 2014). O Relatório Mundial sobre Violência e Saúde de Genebra (2002), define a violência como:

O uso intencional da força física ou do poder, real ou em ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou uma comunidade, que resulte ou tenha grande possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação. (OMS, p. 5, 2002).

A violência tornou-se um problema de questão pública mundial a partir da década de XX, quando o homicídio e o suicídio estavam no topo das principais causas de mortes (MANUEL, 2014). A partir de 1993, a Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS), passou a recomendar de forma mais enfática aos países membros que incorporassem a questão da violência em suas prioridades de ação (MINAYO, 2004 apud OPAS, 1993). Além disso, dados da Organização Mundial da Saúde, apontam que violência é uma das maiores causas de mortes, entre a faixa etária de 15 a 44 anos (OMS, 2002), demonstrando a importância que o tema possui.

No Brasil, dados da PNAD/88 (Pesquisa Nacional de Amostragem Domiciliar, IBGE, de 1988), o lugar de maior perigo para as mulheres é a própria casa, onde 55% das mulheres agredidas na região sudeste foram atacadas dentro de casa, e 67% das agressões foram feitas por parentes ou conhecidos. Em 2012, a taxa média de homicídios no mundo era de 6,2 por 100.000 habitantes, alguns países da América

Latina e Central, chegaram a apresentar uma taxa quatro vezes maior. O Brasil apresentou uma taxa de 26,52 por 100.000 habitantes (MARTINS, 2017, apud UNODC, 2013). Segundo a OMS (2002), não é possível estimar precisamente os custos dos diversos tipos de violência dentro dos sistemas de saúde, entretanto, mulheres em situações de violência por parceiros íntimos (VPI), possuem mais problemas de saúde, e conseqüentemente, buscam mais assistência pública, demonstrando por evidência os custos provenientes dessa conjuntura.

De acordo com o Mapa da Violência (2015), um levantamento realizado no Brasil revelou que em 2014, a cada dia, 405 mulheres tiveram a necessidade de receber atendimento em unidades de saúde devido à violência que sofreram. Além disso, o mesmo estudo indica que, na fase adulta, mulheres recorrem aos serviços de saúde pública em uma proporção de 71,3%, enquanto homens o fazem em apenas 28,6%. Esse dado coincide com a constatação de que, para mulheres jovens e adultas, com idades entre 18 e 59 anos, o agressor mais frequente é o parceiro atual ou ex-parceiro (WAISELFISZ, 2015). As estatísticas mostram que 40% dos homicídios contra mulheres são realizados por maridos, namorados, entre outras denominações de parceiros afetivos. Em contrapartida aos homens, a proporção é em média 6,6% de assassinatos pelas parceiras íntimas (GARCIA, 2013).

A violência realizada por VPI pode ocorrer de três formas: a física, que é caracterizada por ações que causem lesões, como chutes, socos, empurrões (RAZERA, 2014, apud CASADO, 2008). A sexual, que envolve abuso e sexo contra a vontade da mulher, e a psicológica (OMS, 2002) que pode envolver uma diminuição da autoestima e o controle sobre as ações, comportamentos, crenças e decisões de uma pessoa por meio de ameaças, constrangimentos, humilhações, manipulação, isolamento, vigilância constante, insulto, chantagem, ridicularização, exploração e até mesmo a restrição do direito de locomoção, ou qualquer outra ação que cause danos à saúde psicológica (Lei nº 11.340). Esses tipos de violência, estão atrelados à questão de gênero, possuindo relação com todo o histórico de desigualdade que a mulher tem na história (BATISTA; MEDEIRO & MACARINI. 2017). Para Macarini e Miranda (2018), o fenômeno da VPI acontece por um processo interacional e cíclico, que gera uma manutenção da relação de forma contínua, ocorrendo em diversas fases e repetidamente.

A autora, Marie-France Hirigoyen (2006), relata que este ciclo acontece em quatro fases: a da tensão, da agressão, de desculpas e de reconciliação: Na fase

inicial deste ciclo, ocorre um aumento de tensão, manifestado pela irritabilidade do parceiro masculino, enquanto a mulher tende a se submeter na tentativa de acalmá-lo. Na etapa subsequente, ocorre a explosão, na qual a agressão pode assumir diversas formas, incluindo a psicológica, física ou sexual, partindo do homem em direção à mulher, com a intensidade podendo variar de um início gradual até atingir situações extremas. Na terceira fase, o homem experimenta um momento de arrependimento, buscando se desculpar e prometendo mudanças ou que os eventos violentos não se repetirão. Por fim, na fase de reconciliação ou "lua de mel," o homem procura compensar pelas agressões e conflitos anteriores, resultando em um período de calma no relacionamento, onde a tensão é temporariamente apaziguada (HIRIGOYEN, 2006)

Além disso, é válido apontar que a violência física é frequentemente precedida pela forma mais sutil e insidiosa: da violência psicológica (VP). No entanto, a detecção dessa VP nem sempre é evidente para as vítimas, uma vez que pode ser habilmente mesclada com comportamentos aparentemente afetuosos (FONSECA, 2006). Segundo Hirigoyen (2006), no caso da VP, é comum que as vítimas tendem a duvidar de sua própria percepção da realidade. Muitas vezes, acreditam erroneamente que estão interpretando as situações de forma equivocada, exagerando nos sentimentos ou questionando a validade de suas próprias emoções. Nesse contexto, é comum que as vítimas sintam a necessidade de obter a validação de terceiros, uma testemunha, para confirmar o que estão vivenciando, já que relutam em expressar ou reconhecer essas situações por conta própria. Destarte, a análise desse trabalho se concentra em um olhar mais aprofundado para a VP perpetrada por parceiros homens contra mulheres dentro do ambiente doméstico. Esse enfoque se justifica pela intrincada natureza do reconhecimento por parte das vítimas, o que acrescenta complexidade ao já desafiador cenário de interrupção desse tipo de violência.

Diversos fatores influenciam a decisão das mulheres de permanecerem em situações abusivas, como transgeracionalidade (ROSA; HAACK; FALCKE, 2015) dependência financeira (GOMES; FERRNANDES, 2018), cultura machista e aspectos de gênero (MAIA, 2017), a negação, o medo e a falta de suporte social (OMS, 2002), fatores socioeconômicos da mulher (MARTINS; TEIXEIRA, 2020) entre outros fatores. Vale ressaltar, que componentes sociais desempenham um papel significativo, refletindo uma cultura patriarcal caracterizada por papéis rígidos que podem contribuir para a emergência e persistência do fenômeno da VP (NARVAZ; KOLLER, 2006).

Considerando as características e especificidades da VP, sua manifestação em uma cultura machista e patriarcal, bem como as repercussões subjetivas, principalmente, emocionais, cognitivas e comportamentais às mulheres que a vivenciam, parece fundamental conhecer as formulações teóricas na área da Psicologia Clínica, que possibilitem explicações e compreensão sobre esse fenômeno. Dentre as mais diversas abordagens clínicas, recorre-se especificamente ao modelo teórico e prático da Terapia do Esquema para analisar a dinâmica da VP a partir da interação de Esquemas Iniciais Desadaptativos (EIDs).

Segundo Fioravante (2014), em 1990, pelos estudos dos pioneiros, Jeffrey E. Young, Janet Klosko e Marjorie Weishaar, emerge a perspectiva da Terapia de Esquemas (TE). Dentro da teoria, os Esquemas Iniciais Desadaptativos (EIDs) são definidos como arraigados padrões emocionais e cognitivos disfuncionais que têm sua origem na infância e persistem ao longo da vida, moldando a forma como um indivíduo percebe, pensa e interage com o mundo ao seu redor (YOUNG; KLOSKO; WEISHAAR, 2008). Por meio da TE, torna-se possível a identificação desses padrões, com o intuito de cessar essa VP e auxiliar as vítimas a reconstruírem suas vidas com segurança, dignidade e de maneira mais equilibrada (PAIM; CARDOSO, 2019). O presente estudo almeja contribuir para o reconhecimento e subsequente o rompimento desses padrões/EIDs, valendo-se dos recursos oferecidos pela Terapia de Esquemas.

2 ESTUDOS SOBRE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A MULHER

2.1 DINÂMICA E TRANSGERACIONALIDADE DA VIOLÊNCIA

A VP, considerada como um dos tentáculos da violência que afeta a saúde, tem sido amplamente investigada sob diversas perspectivas, incluindo a análise realizada pela Psicologia (MINAYO; ASSIS, 2017). Primeiramente, estudos como o de Razera (2014) e Macarini e Miranda (2018) apontam que a VP é frequentemente um componente presente em relacionamentos abusivos, atuando como um elemento de controle e subjugação das vítimas, que muitas vezes é utilizado como um meio para exercer poder e domínio sobre elas (GONDOLF, 1999).

Além disso, estudos epidemiológicos e de saúde pública, como os realizados por Garcia, Freitas e Höfelmann (2013), têm demonstrado que a violência psicológica pode ter consequências graves para a saúde das mulheres, incluindo o aumento do risco de desenvolvimento de transtornos mentais, como a ansiedade e a depressão. Essas experiências de VP são marcadas pela exposição constante e prolongada a eventos emocionalmente impactantes, que são difíceis de prever ou controlar. Esses eventos são conhecidos por serem variados, numerosos e de longa duração (GOMES, 2012 apud MEICHENBAUM, 1994). Outro dado relevante é que a VP é frequentemente subnotificada e pode ser mais difícil de identificar do que a violência física, podendo contribuir para sua invisibilidade e perpetuação. Isso é corroborado por estudos como o de Fonseca (2006), que aponta que a VP nem sempre é de fácil reconhecimento pelas vítimas, pois pode estar diluída e mesclada com comportamentos afetuosos por parte do agressor.

Para a compreensão do fenômeno da violência conjugal, Carvalho-Barreto et al. (2009), em sua pesquisa sobre as experiências na família de origem, abordam um modelo que considera níveis interativos como características individuais, interações interpessoais, aspectos contextuais e perspectiva temporal, que engloba a transmissão transgeracional, demonstrando a multiplicidade de fatores que se entrelaçam para a perpetuação e manutenção da VP. Paim e Falcke (2012) realizaram um estudo quantitativo comparativo sobre o perfil de sujeitos com histórico de violência conjugal, analisando como padrões disfuncionais podem ser transmitidos de uma geração para outra, e ficou destacado a questão da transgeracionalidade também. Segundo Santos e Costa (2004), a violência transgeracional, bem como o estresse e a falta de carinho na infância, podem ser fatores perpetuadores da VP conjugal (PAIM; FALCKE, 2012, apud SANTOS; COSTA, 2004). De acordo com Fonseca (2006), a violência não simboliza desamor, mas uma forma de se estruturar como pessoa, em que o subjugar-se ao outro é um modelo de relação aprendido na infância.

A Terapia do Esquema tem ganhado espaço no tratamento de casais que enfrentam violência psicológica conjugal. Paim e Cardoso (2019) discutem o uso dessa abordagem terapêutica para cônjuges, enfatizando a importância de compreender os padrões presentes nas relações abusivas. Nesse cenário, a escolha do cônjuge não é aleatória, há padrões comportamentais que estão presentes, tanto inconsciente como conscientes. A reprodução dos modos de agir, pensar e viver, aprendidos nas relações primárias, são fundamentais no momento da escolha do

parceiro romântico, principalmente, para a manutenção de relacionamentos danosos, que está relacionada à evocação de emoções e sentimentos vividos na infância, denominada química esquemática (YOUNG, KLOSKO, 1994).

2.2 TERAPIA DO ESQUEMA: CONSTRUÇÃO DE COMPREENSÕES EM SITUAÇÕES DE VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA PERPETRADA POR PARCEIROS ÍNTIMOS CONTRA MULHER

O enfoque sobre as cognições dentro do modelo teórico das Terapias Cognitivo-Comportamentais (TCCs) ganhou visibilidade no início da década de 1960, a partir dos trabalhos pioneiros de Aaron T. Beck e Albert Ellis (CLARK, 2011), em decorrência ao questionamento da eficiência de modelos psicanalíticos (RANGE; FALCONE; SARDINHA, 2007). Dentro das TCCs, a Terapia Cognitiva (TC) é uma abordagem terapêutica amplamente reconhecida por sua eficácia no tratamento de uma variedade de transtornos emocionais e comportamentais (BECK, 1976). Beck foi um dos principais expoentes da TC e com base em suas pesquisas sobre a psicopatologia, propôs que os esquemas cognitivos desempenham um papel fundamental no desenvolvimento de transtornos mentais (CLARK, 2011). Para Beck (1979a), esquemas cognitivos são estáveis e moldam as percepções e interpretações individuais, influenciando as respostas comportamentais (BECK, 1979b).

A Terapia dos Esquemas (TE) expande a TC e introduz o conceito supracitado de Esquemas Iniciais Desadaptativos (EIDs) (YOUNG; KLOSKO; WEISHAAR, 2008) que podem ser frequentemente associados a manutenção de padrões de relacionamentos interpessoais que colaboram para a emergência de conflitos entre casais e contexto de violência, incluindo a psicológica. Dentro desse contexto das TCCs, a TE oferece uma compreensão sobre a origem e desenvolvimento dos EIDs e representa uma alternativa no tratamento de pessoas que se encontram em situações complexas, como as que envolve violência (WAINER; RIJO, 2016; YOUNG; KLOSKO; WEISHAAR, 2008).

Os EIDs representam padrões abrangentes, que funcionam como uma espécie de "filtro" através do qual o indivíduo percebe e interpreta o mundo ao seu redor (LOBBESTAEL, et al., 2016), englobando memórias, emoções, cognições e sensações corporais, que estão relacionados à autoimagem e aos relacionamentos interpessoais (DUMITRESCU; RUSU, 2012). O entendimento de Young, Klosko e

Weishaar (2008) aponta que os EIDs são acionados inconscientemente quando eventos são percebidos como reminiscentes de experiências prejudiciais na infância e cada ativação desencadeia intensa excitação afetiva. Os autores também ressaltam que a repetição de experiências ativadoras reforça os EIDs, contribuindo para que sejam considerados como verdades inquestionáveis. Isso sugere que, ao longo do tempo ou com o envelhecimento, esses padrões podem se solidificar e ser mais suscetíveis à ativação. Dentre esses apontamentos, há algumas necessidades emocionais básicas que precisam ser supridas para que haja o desenvolvimento de um adulto saudável:

1. Vínculos seguros com outros indivíduos;
2. Autonomia, competência e sentido de identidade;
3. Liberdade de expressão, necessidades e emoções validadas;
4. Espontaneidade e lazer;
5. Limites realistas e autocontrole.

(YOUNG; KLOSKO; WEISHAAR, p. 24, 2008).

As necessidades emocionais básicas funcionam como tarefas desenvolvimentais, cujos adultos, que são responsáveis pelo cuidado e desenvolvimento de crianças, colaboram para sua manifestação. São as percepções subjetivas da vivência dessas necessidades emocionais que colaborarão para a formação dos EIDs. As lacunas não adequadas às necessidades de estabilidade, segurança, afeto e proximidade estão diretamente ligadas às fragilidades esquemáticas que desencadeiam os prejuízos mais substanciais na dinâmica relacional (PAIM; CARDOSO, 2019). Portanto, pode-se afirmar que é importante assegurar o suprimento dessas necessidades emocionais nas interações primárias, notadamente no âmbito familiar, uma vez que colaboram para a formação psicológica do indivíduo, habilitando-o a buscar e cultivar relações interpessoais saudáveis (PAIM, FALCKE, 2016). Embora existam pesquisas recentes que apontam outras classificações/reorganizações com relação aos domínios esquemáticos e seus EIDs (VALENTINI et al., 2013; VALENTINI, et al 2009; BACH et al., 2017), a revisão teórica deste presente trabalho teve-se, apenas, ao que foi publicado originalmente por Young (2008). Esses EIDs podem ser definidos em cinco domínios que englobam os dezoito EIDs formulados até o momento, conforme o Quadro 1:

Quadro 1: Domínios e Esquemas Iniciais Desadaptativos

Domínio	EIDs
1 – Desconexão e rejeição	Abandono/Instabilidade Desconfiança/Abuso Privação emocional Defectividade/ Vergonha Isolamento social/alienação
2 – Autonomia e desempenho prejudicados	Dependência/Incompetência Vulnerabilidade ao dano/doença Emaranhamento Fracasso
3 – Limites prejudicados	Merecimento/Grandiosidade Autocontrole e autodisciplina
4 – Orientação para o outro	Subjugação Autos sacrifício Busca de aprovação/reconhecimento
5 – Supervigilância e inibição	Negativismo/ Pessimismo Inibição emocional Padrões inflexíveis/ Postura crítica exagerada Postura punitiva

Fonte: Adaptado de Young, Klosko e Weishaar (2008).

A partir das concepções, é possível identificar os cinco domínios fundamentais que delineiam os padrões iniciais desadaptativos. No primeiro domínio, denominado Desconexão e Rejeição, observa-se que esses padrões surgem como resultado da frustração das necessidades básicas, tais como a afeto, proteção, estabilidade e segurança (WAINER; RIJO 2016). Autores como LOBBESTAEL et al. (2010) enfatizam que a negligência dessas necessidades essenciais leva a privações emocionais, e na idade adulta, essas pessoas muitas vezes acabam transitando de um relacionamento prejudicial para outro ou optam por evitar completamente o envolvimento em relacionamentos íntimos (YOUNG; KLOSKO; WEISHAAR, 2008).

No segundo domínio, de Autonomia e Desempenho Prejudicados, autores como Rijo e Wainer (2016) explicam que é gerado pela falta de satisfação da necessidade de exploração e autonomia no ambiente. Esses indivíduos não receberam o apoio necessário para construir autoconfiança (ALGARVES, 2018) e possuem dificuldade de viver de forma autônoma e tomar decisões por conta própria. Em relação ao terceiro domínio, chamado Limites Prejudicados, autores como Rijo e Wainer (2016) afirmam que pais que são excessivamente permissivos, negligentes ou

extremamente críticos e rígidos ao estabelecer limites têm maior probabilidade de criar filhos com dificuldades na consideração pelos direitos dos outros, já que geralmente não possuem limites realistas (YOUNG; KLOSKO; WEISHAAR, 2008).

O quarto domínio, associado à Orientação para o Outro, é evidenciado em famílias em que os desejos emocionais dos outros têm maior prioridade em relação às necessidades e sentimentos próprios (WAINER; RIJO 2016). Autores como Arntz e Jacob (2012) discutem a relação entre a busca excessiva de aprovação e reconhecimento, Subjugação, Autossacrifício em ambientes como esse, contribuindo para a formação desses esquemas. Por fim, o quinto domínio está relacionado à supressão de impulsos e sentimentos espontâneos (YOUNG; KLOSKO; WEISHAAR, 2008). Nesse contexto, o indivíduo aprende a monitorar constantemente suas ações a fim de evitar erros ou transgressões das regras. Conforme Crawford e Wright (2007), esse padrão de pensamento pode sugerir um estado psicológico de desconforto, resultante de experiências de vitimização na vida adulta. A TE enfatiza a importância de compreender as experiências emocionais precoces do indivíduo, bem como os padrões de pensamento e comportamento que se desenvolvem a partir dessas experiências (YOUNG; KLOSKO; WEISHAAR, 2008).

De acordo os estudos recentes (WAINER; RIJO 2016), os EIDs surgem como resultado da interação entre três fatores distintos: o temperamento emocional, que é geneticamente herdado; as experiências sistemáticas vivenciadas com as figuras afetivas durante a infância; e o grau de atendimento das necessidades emocionais fundamentais ao longo das diferentes fases do desenvolvimento humano. A persistência dos EIDs, conforme discutido sob a perspectiva de Young, Klosko e Weishaar (2008), é alimentada por diferentes mecanismos. Em primeiro lugar, vieses cognitivos são um componente chave na manutenção desses esquemas. Indivíduos tendem a interpretar informações de maneira distorcida, priorizando evidências que corroboram suas crenças negativas iniciais sobre si mesmos e o mundo, enquanto negligenciam ou minimizam informações contraditórias (CLARK.; BECK; ALFORD, 1999).

Além disso, a persistência dos EIDs pode ser sustentada por padrões de vida autoderrotistas, em que as ações e escolhas do indivíduo reforçam diretamente os esquemas negativos. Esses padrões de autossabotagem, como evitação de desafios ou busca de relacionamentos abusivos, reforçam a visão negativa de si mesmo e mantêm a espiral descendente (RAFAELI; BERNSTEIN; YOUNG, 2010). Ademais,

estilos de enfrentamento contribuem para a perpetuação dos EIDs, com indivíduos recorrendo a estratégias desadaptativas, como evitação, resignação ou hipercompensação (ALDAO; NOLEN-HOEKSEMA, 2013; YOUNG; KLOSKO; WEISHAAR, 2008). Dessa forma, a persistência dos EIDs se enraíza na interação complexa desses três elementos: vieses cognitivos, padrões autoderrotistas de vida e estratégias de enfrentamento ineficazes. Esses fatores alimentam um ciclo de auto-reforço dos esquemas, dificultando a mudança e contribuindo para a manutenção de padrões disfuncionais ao longo do tempo.

As decisões afetivas e a permanência em relacionamentos prejudiciais frequentemente derivam das sensações experimentadas através da ativação de um ou mais EIDs, ocorrendo predominantemente em um plano emocional e menos racional (ATKINSON, 2012). De acordo com as contribuições, Paim e Cardoso (2019) destacam frequentemente que as pessoas acabam escolhendo parceiros que reproduzam os padrões de apego que vivenciaram na infância, pela interação da química esquemática. Sendo crucial analisar essa dinâmica que se desenrola no relacionamento conjugal, pois isso permite o desenvolvimento de estratégias terapêuticas voltadas para aumentar a satisfação no relacionamento e o crescimento emocional dos pacientes. Na abordagem da TE aplicada a casais, os esquemas emocionais de cada indivíduo são minuciosamente investigados, visando à compreensão de como esses esquemas interagem e se entrelaçam dentro do relacionamento (PAIM; FALCKE, 2016). Compreender o funcionamento de um casal envolve levar em consideração as múltiplas camadas do sistema de relacionamento e apego, incluindo as características da personalidade de cada indivíduo, suas motivações, psicopatologias e questões não resolvidas da família de origem (ALGARVES, 2018 apud DATILIO, 2004).

3 DISCUSSÃO

3.1 INTERAÇÃO ESQUEMÁTICA E A PERPETUAÇÃO DE RELACIONAMENTOS AFETIVOS DANOSOS

As pesquisas supracitadas em grande maioria, estabeleceram uma conexão entre experiências abusivas na infância (seja de natureza sexual, física ou psicológica)

e sua persistência na vida adulta, muitas vezes por meio dos EIDs. Em um estudo realizado na Espanha, (PAIM; FALCKE 2016, apud CALVETE; ESTEVEZ; CORRALI, 2007), foi analisado o papel desempenhado pelos EIDs como mediadores na relação entre violência conjugal. Os resultados dessa pesquisa indicaram que os esquemas pertencentes ao domínio "Desconexão e Rejeição" foram os mais significativos na explicação das associações entre a ocorrência de violência. Além disso, uma investigação conduzida pelos pesquisadores Khosravi, Attari e Rezaei (2011) com mulheres iranianas que vivenciaram situações de violência conjugal trouxe à luz uma série de dinâmicas de relevância e dessa relação de abusos sofridos na infância e os EIDs do primeiro domínio. Nesse contexto, os pesquisadores observaram que os EIDs mais proeminentes entre essas mulheres eram aqueles relacionados à privação emocional, desconfiança/abuso e defectividade/vergonha.

No contexto brasileiro, uma investigação conduzida por Paim e Falcke (2012) aprofundou a análise da relação existente entre EIDs e a expressão de comportamentos violentos em relações íntimas. A pesquisa contou com participantes de ambos os sexos que possuíam uma relação afetiva. Os resultados da pesquisa demonstraram que os EIDs relacionados correspondiam às pesquisas internacionais. O domínio de "Desconexão e Rejeição" foi em maior número associado à presença de violência conjugal. Todavia, há a presença de outros esquemas destacados na pesquisa como: Dependência/incompetência, Emaranhamento, Grandiosidade/arrogo, Autocontrole/autodisciplina Insuficiente, Postura punitiva, Padrão inflexível.

Além disso, o estudo Paim e Falcke (2012) trouxe um resultado surpreendente, apresentando uma correlação dos EIDS tanto com a posição de vítima, quanto com a posição de agressor. Isso sugere que essas posições não são estritamente fixas, e que a violência pode manifestar-se como consequência de uma intrincada dinâmica interativa que se forma entre os parceiros envolvidos na relação conjugal. Dessa forma, em alguns relacionamentos abusivos, a vítima e o perpetrador podem ter EIDs semelhantes. A tabela abaixo destaca exemplos da ativação do EID, e como pode ocorrer a interação esquemática a partir desse resultado do estudo das autoras:

Tabela 2 – Interação Esquemática em ambos os perfis

(continua)

EIDs	Ativação do EID	Interação Esquemática
Privação emocional	Dificuldade em expressar emoções; busca constante de validação emocional; desconexão com as emoções; sensação de vazio constante.	O relacionamento pode ser repleto de discussões, tensões e conflitos devido à dificuldade em fornecer e receber apoio emocional. Tanto a vítima quanto o perpetrador podem experimentar uma deterioração na autoestima devido à Privação Emocional e a dinâmica do relacionamento. A vítima pode se sentir incapaz de buscar apoio fora do relacionamento devido às táticas de controle do perpetrador.
Abandono	Medo constante de abandono; dificuldade em confiar nos outros; busca por relacionamentos desesperadamente.	Ambos os parceiros podem experimentar uma insegurança profunda devido ao medo de serem abandonados, o que pode levar a comportamentos de busca de aprovação e apego excessivo. O agressor pode usar o medo da vítima para controlá-la. Pode incluir aspectos como finanças, comunicação e decisões pessoais.
Defectividade/ Vergonha	Sentimentos de inadequação e vergonha; autocrítica constante, pensamentos negativos sobre si.	Ambos os parceiros experienciam autocrítica excessiva e preocupação em serem rejeitados. O perpetrador pode agir de forma hipercompensadora e na defensiva, explorando os sentimentos de inadequação da vítima, tentando manipulá-la e evitando que fique visível o seu sentimento de inadequação.
Desconfiança/ Abuso	Expectativas de ser maltratado(a) ou enganado(a).	Ambos os parceiros podem desconfiar um do outro devido aos seus próprios medos de serem traídos ou maltratados. O que pode levar a uma sensação constante de ameaça. Pode haver hipervigilância a pequenos sinais, conflitos frequentes, dificuldade em acreditar nas boas intenções do outro. O parceiro pode duvidar da própria realidade, fazendo com que a vítima se justifique a todo momento, aumentando a tensão no relacionamento.
Isolamento Social	Acredita que pode não ser digno de relacionamentos interpessoais e que as pessoas não se importam. Tendência ao isolamento por medo de rejeição.	Ambos os parceiros podem desenvolver uma dependência emocional, buscando exclusivamente a companhia do parceiro. Isso pode criar uma dinâmica de vulnerabilidade para a vítima. O que resultaria em uma dificuldade em estabelecer redes de segurança e apoio, isolando-a cada vez mais a mulher, caso tente resistir ao abuso.
Dependência/ Incompetência	Sentimento de incapacidade ou incompetente, medo profundo da autonomia.	O cônjuge pode desenvolver uma dinâmica em que nenhum dos dois sente que é capaz de funcionar de forma independente. O perpetrador, ciente das inseguranças da vítima, pode usar isso como uma tática de controle.

(conclusão)

EIDs	Ativação do EID	Interação Esquemática
Emaranhamento	Fusão excessiva de identidades e limites, necessidades e desejos podem ficar subordinados aos da outra pessoa.	Ambos os parceiros podem ser excessivamente dependentes um do outro, buscando a validação emocional e a identidade no relacionamento, tornando-se um só. O perpetrador pode usar a conexão emocional intensa para exercer controle sobre a vítima, podendo alternar entre atos de carinho e amor.
Grandiosidade/ Arrogo	Sentimento de superioridade; expectativas elevadas de reconhecimento.	Ambos os parceiros podem competir pela necessidade de aprovação um do outro, podendo causar sentimentos de insegurança. O perpetrador pode desconsiderar as necessidades e opiniões da vítima. A vítima pode sentir a necessidade constante de buscar aprovação e reconhecimento do parceiro, causando um ciclo de tensão entre o casal.
Autocontrole/ autodisciplina Insuficiente	Dificuldade em controlar impulsos, emoções ou comportamento. Falta de estabelecimento de limites pessoais.	O parceiro pode ter dificuldade em controlar impulsos, o que pode levar a situações de conflitos e vulnerabilidade. A mulher pode se tornar mais suscetível à manipulação, se sentir incapaz de dizer “não” ou de estabelecer limites para impedir o comportamento abusivo.
Postura Punitiva	Tendência a se punir e ser crítico; sentimento de culpa constante.	Ambos os parceiros podem envolver-se em um ciclo de crítica constante. O perpetrador pode usar a Postura Punitiva para justificar e intensificar a violência psicológica, culpar e manter a vítima sob controle, através da justificativa de que está fazendo o melhor para ela, a vítima pode achar que é justo e merece ser punida.
Padrões Inflexíveis	Rigidez em relação a regras e padrões. Dificuldade em adaptar-se e expectativas inflexíveis sobre como as coisas devem ser.	Ambos os parceiros podem entrar em conflito devido a expectativas rígidas e inflexibilidade e podem ter dificuldade em ceder, o que torna a resolução dos conflitos mais desafiadora. Os padrões inflexíveis podem levar ao agressor a criticar a vítima, resultando em uma desvalorização

Fonte: Adaptado de Paim e Falcke (2012); Paim e Cardoso (2019); Young, Klosko e Weishaar (2008).

É importante compreender que a dinâmica dos relacionamentos e dos EIDs podem variar amplamente de um caso para o outro. De acordo com Young, Klosko e Weishaar (2008), os EIDs podem ser ativados de maneira sequencial, simultânea ou até mesmo oscilar em sua ativação ao longo do tempo. Em um relacionamento, o cônjuge pode experimentar a ativação dos mesmos EIDs ou ativações alternadas,

dependendo das situações e do contexto de vida do casal. Por exemplo, os EIDs de Caráter Punitivo e Padrões Inflexíveis podem estar ativados em ambos os parceiros. Ou um parceiro estar com os EIDs de Emaranhamento e Defectividade/Vergonha. Enquanto o outro, os EIDs de Desconfiança/Abuso, Autocontrole/Autodisciplina Insuficiente. As formas de expressão dos EIDs são as mais variadas, mas podem acabar retroalimentando os esquemas de ambos.

Assim, a química esquemática surge quando memórias emocionalmente dolorosas são reativadas, acompanhadas das crenças e diretrizes relacionadas aos EIDs (PAIM & CARDOSO, 2019). Além disso, as pesquisadoras destacam o efeito prejudicial dos EIDs nos relacionamentos: "Foi identificada uma correlação negativa entre os esquemas e a habilidade de negociação" (PAIM; FALCKE, 2012, p. 36). Isso sugere que indivíduos com esses padrões estão mais propensos a manter relacionamentos impactados pela violência. Logo, fica evidente o papel da química esquemática e os EIDs na manutenção de relacionamentos danosos, em que há VP. Nesse âmbito, os relacionamentos amorosos acabam sendo "armadilhas da vida" (PAIM; CARDOSO, 2019, apud YOUNG; KLOSKO, 1994), por estarem ligados a evocações mais emocionais do que escolhas racionais. Nesse contexto, TE pode ter um papel relevante no auxílio da identificação e intervenção de sintomas caracterológicos na violência psicológica conjugal, na compreensão das necessidades emocionais não supridas de cada parceiro, do enfraquecimento dos EIDs, dos vieses e distorções cognitivas, nos estilos de enfrentamento disfuncionais adotados que alimentam esse tipo de violência (YOUNG; KLOSKO; WEISHAAR, 2008).

3.2 INTERVENÇÕES EM TERAPIA DO ESQUEMA – PERSPECTIVAS DA TERAPIA INDIVIDUAL E DE CASAL EM RELACIONAMENTOS COM VP

O intuito da TE é enfraquecer os EIDs e fortalecer o adulto saudável, para isso, o terapeuta trabalha para desenvolver um plano de tratamento adaptado às necessidades específicas (PAIM; CARDOSO, 2019). E deve ser capaz de elaborar uma análise personalizada para cada casal. Ao adentrar nas intervenções, é necessário compreender que há três situações a serem exploradas e compreendidas: 1) somente a mulher busca ajuda em situação de VP; 2) a mulher e o parceiro buscam ajuda (terapia de casal) 3) a mulher e o parceiro realizam terapias individuais com

terapeutas diferentes. Para todos os casos, as técnicas de intervenção em TE podem ser exploradas, levando em consideração as adaptações de cada caso.

Entretanto, é fundamental avaliar nessas situações, como está o vínculo amoroso de forma individual (BALDISSERA et al., 2021). Devido às situações de abusos, o profissional precisa reconhecer as nuances da relação e identificar possíveis origens de conflito ou abuso. Caso tenha risco iminente, é necessário garantir a segurança da mulher. O profissional precisa tomar as medidas necessárias para encaminhar para serviços especializados, como proteção, serviços de saúde, assistência social e justiça (HABIGZANG, 2018). Além disso, no cenário em que só a vítima busca apoio psicológico, o rompimento da violência pode não acontecer no início do processo psicoterapêutico, ou mesmo, pode não acontecer, a vítima pode estar na terapia e ainda estar com o parceiro. Nesses casos, é necessário que o profissional consiga se ater às informações sobre o caso, e principalmente, psicoeducar a vítima sobre o reconhecimento do ciclo da violência e em qual fase o casal está (HIRIGOYEN, 2006).

Caso o profissional e a paciente avaliem que seja necessário, é possível construir um plano de emergência em situações de crises, quando a mulher percebe que esteja em perigo (principalmente para casos em que a vítima more com o parceiro e o risco é maior) algumas ações e cuidados podem ser necessários: a) ter sempre à disposição os números de contato de serviços de emergência; b) Identificar áreas de segurança na casa, onde não tenha armas, facas ou outros objetos que possam ser utilizados para agressão física, e onde existam saídas rápidas; c) Preparar um conjunto de roupas e itens essenciais (para as crianças, caso tenha), e reservar com amigos ou vizinhos, caso não seja possível, deixar na residência em local seguro; d) Manter duplicatas de documentos relevantes em um local seguro; e) Elaborar um plano para sair de casa com segurança, como contatar serviços de amparo temporário, abrigos na sua região, ficar na casa da rede de apoio (COELHO, 2019)

Para o processo terapêutico - tanto individual como em casal-, de início pode se explorar quais EIDs estão ativados, utilizando ferramentas como Questionário de Esquemas de Young — YSQ — S3, para auxiliar na coleta de dados (YOUNG; KLOSKO; WEISHAAR, 2008). Além disso, a Repaternalização Limitada e Confrontação Empática (ANDRIOLA, 2016) têm o intuito de criar vivências positivas de cuidado que, em muitos casos, foram negligenciadas ou inadequadamente supridas pelos cuidadores. Mas também, de colocar limites necessários que talvez

não foram colocados. Inicialmente, esse papel é assumido pelo terapeuta, mas a meta é que com o progresso da terapia, isso seja gradativamente substituído pelo desenvolvimento do modo adulto saudável dos próprios pacientes, ou seja um modo em que a pessoa consiga desenvolver relacionamentos saudáveis, sendo capaz de tomar decisões racionais e lidar com responsabilidades de forma equilibrada (WAINER, et al. 2016). Essa abordagem visa suprir as carências emocionais do passado e facilitar o processo de autocuidado e autorregulação emocional. Já a Confrontação Empática visa criar um espaço seguro onde as pacientes podem desafiar ativamente seus esquemas disfuncionais.

Além disso, Andriola (2016) enfatiza a importância de fornecer um apoio terapêutico que equilibre a empatia e a confrontação, permitindo que os pacientes se sintam validados em sua experiência, ao mesmo tempo em que são incentivados a questionar e modificar seus EIDs. Nesse cenário, é possível explorar as abordagens terapêuticas vivências, que são recriações controladas de situações do cotidiano que normalmente desencadeiam respostas negativas relacionadas aos esquemas, proporcionando aos pacientes uma oportunidade única de explorar e compreender como esses esquemas afetam seu funcionamento (YOUNG; KLOSKO; WEISHAAR, 2008).

Além disso, o uso de imagens mentais (PETRY; BASSO; 2016) desempenha-se um papel essencial no processo terapêutico. Ao trabalhar ativamente com essas figuras mentais, os pacientes podem gradualmente substituir os esquemas prejudiciais por perspectivas mais realistas e saudáveis de si. O que é fundamental para sua recuperação emocional após a violência psicológica, para cessar a perpetuação da violência e da desregulação emocional (YOUNG; KLOSKO; WEISHAAR, 2008). Pode ser explorada nesse cenário, segundo Paim e Cardoso (2019), a técnica de Múltiplas Cadeiras, sejam elas reais ou imaginárias, como uma representação simbólica das diversas facetas ou componentes internos da psicologia do paciente. É possível utilizar essa abordagem para facilitar a solução de conflitos internos, reconhecer necessidades emocionais não satisfeitas e estimular transformações construtivas nos modos de pensar e agir (PAIM; CARDOSO, 2019 apud KELLOGG; YOUNG 2006). Depois que a dinâmica mais prejudicial enfraquece e o casal adquire uma compreensão mais profunda dos seus padrões de funcionamento, torna-se viável aplicar o que foi discutido durante a sessão nas suas interações fora do cenário terapêutico (PAIM; CARDOSO, 2019)

Ademais, como forma de ampliação de intervenções individuais, grupos terapêuticos são um recurso valioso para mulheres que enfrentam violência física, psicológica ou sexual no âmbito intrafamiliar ou parceiros perpetradores de violência (SILVA, et al, 2018). Conceitualmente, esses grupos proporcionam um espaço seguro e empático para as participantes compartilharem experiências, emoções e estratégias de enfrentamento relacionadas à violência que vivenciaram (MOREIRA, 1999). No contexto dos grupos terapêuticos para situações envolvendo violência intrafamiliar, os facilitadores podem aplicar os princípios da terapia de esquemas para ajudar as participantes a identificar e compreender os EIDs que podem estar contribuindo para a perpetuação do ciclo de violência (YOUNG; KLOSKO; WEISHAAR, 2008).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho analisou, a partir de uma revisão narrativa, a dinâmica da VP a partir da caracterização e interação de EIDs, com o intuito de contribuir no reconhecimento e rompimento dessa violência. Foi possível reconhecer que a VP é um tipo de violência silenciosa, mais sutil e insidiosa, que pode ser um marcador para possíveis violências físicas. Além disso, a transgeracionalidade e a cultura são fatores proeminentes que influenciam diretamente na manutenção da violência conjugal (SANTOS; COSTA, 2004). A mediação de situações abusivas na infância (sexual, física ou psicológica) e a transgeracionalidade mostraram-se de grande efeito para a persistência de ciclos de violência (PAIM; CARDOSO, 2019). A cultura entra como um aspecto de normalização e cristalização desse cenário.

Destarte, na maioria dos casos, é necessário um envolvimento ativo para o rompimento do ciclo da violência, visto as situações experienciadas em relacionamentos íntimos, pela excitação emocional provocada (ATKINSON, 2012) pela química esquemática. As pesquisas abordadas neste estudo, relacionam em maior parte a mediação da VP, com a transgeracionalidade e os EIDs do domínio esquemático de Desconexão e Rejeição. Nos estudos realizados na Espanha, Irã, Estados Unidos e Brasil, foram destacados os seguintes EIDs: Abandono/Instabilidade; Desconfiança/Abuso; Privação emocional; Defectividade/Vergonha; Isolamento social/alienação; Dependência/incompetência, Emaranhamento, Grandiosidade/arrogo, Autocontrole/autodisciplina insuficiente,

Postura punitiva, Padrão inflexível; Inibição Emocional; (PAIM; FALCKE 2016, apud CALVETE; ESTEVEZ; CORRALI, 2007; KHOSRAVI; ATTARI; REZAEI, 2011; PAIM; FALCKE, 2012; CRAWFORD; WRIGHT, 2007) .

A pesquisa conduzida por Paim e Falcke (2012) trouxe à luz uma análise aprofundada da relação entre os EIDs e a violência conjugal, demonstrando a existência de correlações entre esses esquemas e as posições tanto de vítima quanto de agressor e destacando a importância da dinâmica interacional esquemática na perpetuação do ciclo de violência. No entanto, a investigação apontou algumas limitações, como a escassez de pesquisas quantitativas sobre o tema, tanto no Brasil quanto no mundo, o que dificulta a coleta de dados abrangentes sobre a violência conjugal e a busca por abordagens mais eficazes para interrompê-la. Além disso, a pesquisa revelou que a dinâmica cultural desempenha um papel significativo, já que muitas mulheres procuram ajuda apenas em situações extremamente graves. Nesse contexto, enfatiza-se a importância da expansão da rede de enfrentamento e do acesso a informações acessíveis sobre o tema.

A expansão do uso da TE como abordagem no tratamento da violência conjugal representa uma via promissora para abordar as complexas dinâmicas que envolvem a violência doméstica. A TE oferece ferramentas valiosas para compreender não apenas os EIDs das vítimas, mas também os EIDs dos agressores, possibilitando uma análise mais completa e integrada das questões envolvidas na violência conjugal. É fundamental ressaltar que a TE é uma abordagem relativamente recente, com um número limitado de profissionais treinados, o que contribui para a falta de psicólogos que a utilizam. Portanto, uma ponte entre profissionais com a formação em TE ao contexto de violência conjugal para o âmbito público pode ser explorada. Além da colaboração com instituições como delegacias e Centros de Referência de Assistência Social (CRAS) para uma integração mais eficaz das informações, uma vez que muitas vítimas buscam ajuda nesses ambientes. Além disso, sugere-se a expansão do uso da TE como uma abordagem promissora no tratamento da violência conjugal e a possibilidade de conduzir grupos terapêuticos com base nessa perspectiva, visando contribuir para a superação do ciclo de violência.

REFERÊNCIAS

- ALDAO, Amelia; NOLEN-HOEKSEMA, Susan. **Um contra muitos: capturar o uso de múltiplas estratégias de regulação emocional em resposta a um estímulo provocador de emoções**. V. 27, n. 4, p. 753-760, 2013. doi: 10.1080/02699931.2012.739998. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/23130665/> . Acesso em: 26 de setembro de 2023.
- ALGARVES, Cleonice Pereira. **Esquemas Iniciais Desadaptativos de Mulheres em Situação de Violência Perpetrada por Parceiro Íntimo**. Biblioteca Digital de Monografias - UFMA - Maranhão, 2018. Disponível em: <http://hdl.handle.net/123456789/2331> . Acesso em: 26 de agosto de 2023.
- ANDRIOLA, Rossana. (2016). **Estratégias terapêuticas: repaternalização limitada e confrontação empática**. In: WAINER, Ricardo, et al. (Orgs.), *Terapia cognitiva focada em esquemas: integração em psicoterapia* (pp. 67-84). Porto Alegre: Artmed.
- ARNTZ, Arnoud; JACOB, Gitta. **Terapia do Esquema na Prática: Um Guia Introditório para a Abordagem dos Modos Esquemáticos** (Schema Therapy in Practice: An Introductory Guide to the Schema Mode Approach). John Wiley & Sons, 2012.
- ATKINSON, Travis. *Terapia de Esquema para Casais: Cura de Parceiros em um Relacionamento*. In: VAN VREESWIJK, Michiel; BROERSEN, Jenny; NADORT, Marjon (Eds.). **O Manual Wiley-Blackwell de Terapia de Esquema: Teoria, Pesquisa e Prática**. Marjon Nadort: John Wiley & Sons, 2012, pp. 323-339.
- BACH, Bo; LOCKWOOD, George; YOUNG, Jeffrey E. **Um novo olhar sobre o modelo de terapia do esquema: organização e papel dos esquemas iniciais desadaptativos**. *Terapia cognitivo-comportamental*, 47(4), 328-349. 2018. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/29256336/> . Acesso em: 26 de setembro de 2023.
- BALDISSERA, Daniela et al. **Contribuições da Terapia do Esquema em relacionamentos conjugais abusivos: uma revisão narrativa**. *PSI UNISC*, v. 5, n. 1, p. 51-67, 2021. DOI. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/psi/article/view/15386>. Acesso em: 26 de setembro de 2023.
- BATISTA, Aline Pozzolo; MEDEIROS, Juliana Lima; MACARINI, Samira. *Violência conjugal e as delegacias especializadas: as implicações da judicialização dos conflitos*. In: BATISTA, Aline Pozzolo; MEDEIROS, Juliana Lima (Orgs.). **Psicologia e polícia: diálogos possíveis**. Curitiba: Juruá, 2017. p. 103-122.
- BECK, Aaron T. **Terapia Cognitiva da Depressão**. Guilford Press, 1979b.
- BECK, Aaron T. **Terapia Cognitiva e os Transtornos Emocionais**. International Universities Press, 1976.

BECK, Aaron T. **Terapia Cognitiva e os Transtornos Emocionais**. International Universities Press, 1979a.

BRASIL, **Lei nº. 11.340, de 7 de agosto de 2006, (Lei Maria da Penha)**. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm. Acesso em: 26 de setembro de 2023.

CARVALHO-BARRETO, André de; et al. **Desenvolvimento humano e violência de gênero: uma integração bioecológica**. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v. 22, n. 1, p. 86-91, 2009. DOI: 10.1590/s0102-79722009000100012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/prc/a/XPZGsDBKqMdVY8hbV8jzRWx/abstract/?lang=pt#>. Acesso em: 26 de setembro de 2023.

CHRISTIANSON, Sven-Åke; ENGELBERG, Elisabeth. Organização emocional das memórias. In: DALGLEISH, Tim; POWER, Mick (Eds.). **Manual de Cognição e Emoção**: John Wiley and Sons, 1999.

CLARK, David A. **Terapia Cognitivo-Comportamental para TOC**. Guilford Press, 2011.

CLARK, David A.; BECK, Aaron T.; ALFORD, Brad A. **Fundamentos Científicos da Terapia Cognitiva e dos Transtornos Depressivos**. John Wiley & Sons, 1999.

COELHO, Elza Berger Salema; BOLSONI, Carolina Carvalho; WARMLING, Deise. **Rede de apoio à violência doméstica contra as mulheres**. Universidade Federal de Santa Catarina. Disponível em: https://uniasus-cp.moodle.ufsc.br/pluginfile.php/188252/mod_resource/content/35/cartilha/un2/index.html. Acesso em: 20 de setembro de 2023.

CRAWFORD, Emily; WRIGHT, Margaret O'Dougherty. **O impacto dos maus-tratos psicológicos na infância nos esquemas interpessoais e nas experiências subsequentes de agressão no relacionamento**. *Jornal de Abuso Emocional*, v. 7, n. 2, p. 93–116, 2007. Disponível em: <https://www.ojp.gov/ncjrs/virtual-library/abstracts/impact-childhood-psychological-maltreatment-interpersonal-schemas>. Acesso em: 20 de setembro de 2023.

DUMITRESCU, Daciana; RUSU, Alina S. **Relação entre esquemas iniciais desadaptativos, satisfação do casal e valor do parceiro individual: uma abordagem psicológica evolucionista**. *Jornal de Psicoterapias Cognitivas e Comportamentais*, v. 12, n. 1, p. 63–76, 2012. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1002/cpp.2439>. Acesso em: 20 de setembro de 2023.

ELLIS, Albert. **Razão e Emoção na Psicoterapia**. Stuart, 1962.

FIORAVANTE, Melissa Gevezier. **Uma análise comparativa entre a Terapia Cognitiva de Aaron Beck e a Terapia do Esquema de Jeffrey Young**. 2014. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Instituto de Ciências Humanas (ICH), Programa de Pós-graduação em Psicologia. Disponível em: <<https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/6932>>. Acesso em: 26 de setembro de 2023.

FONSECA, Paula Martinez da; LUCAS, Taiane Nascimento Souza. **Violência doméstica contra a mulher e suas consequências psicológicas**. Monografia - Fundação Bahiana para o Desenvolvimento das Ciências, Salvador, 2006. Disponível em: < <http://newpsi.bvs-psi.org.br/tcc/152.pdf>>. Acesso em: 26 de setembro de 2023.

GARCIA, Leila Posenato; FREITAS, Lúcia Rolim Santana de; HOFELMANN, Doroteia Aparecida. **Avaliação do impacto da Lei Maria da Penha sobre a mortalidade de mulheres por agressões no Brasil, 2001-2011**. Epidemiol. Serv. Saúde, Brasília , v. 22, n. 3, p. 383-394, set. 2013 . Disponível em <http://scielo.iec.gov.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-49742013000300003&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 03 nov. 2023. <http://dx.doi.org/10.5123/S1679-49742013000300003>.

GOMES, Ingridd Raphaelle Rolim; FERNANDES, Sheyla C. S. **A permanência de mulheres em relacionamentos abusivos à luz da teoria da ação planejada**. Bol. - Acad. Paul. Psicol., São Paulo , v. 38, n. 94, p. 55-66, jan. 2018 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-711X2018000100006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 26 de setembro de 2023.

GOMES, Rilzeli. **Mulheres Vítimas de Violência Doméstica e Transtorno de Estresse Pós-Traumático: Um Enfoque Cognitivo Comportamental**. Revista de Psicologia da IMED, v. 4, n. 2, p. 672-680, dezembro 2012. DOI: 10.18256/2175-5027/psico-imed.v4n2p672-680.

GONDOLF, Edward W. **Abuso Psicológico em Relações Domésticas Violentas**. Springer Publishing Company, 1999.

HABIGZANG, Luísa F. **Manual de Capacitação Profissional para Atendimentos em Situações de Violência**. Santa Cruz do Sul, RS: PSI UNISC, v. 5, n. 1, p. 51-67, jan./jun. 2021. Disponível em: <https://www.cevs.rs.gov.br/upload/arquivos/201910/15154038-manual-de-capacitacao-profissional-para-atendimento-em-situacoes-de-violencia-pucrs.pdf>. Acesso em 26 de setembro.

HIRIGOYEN, Marie-France. **Violência no casal: Da coação psicológica à agressão física**. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 2006. p.27-69.

IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios - 1988: PNAD 1.02 - Suplemento sobre Participação Político-Social**. [Rio de Janeiro]: IBGE, Departamento de Emprego e Rendimento, 1988. 4 p. Nº de chamada: 314.6. Tipo de material: Folheto.

KHOSRAVI, Zohreh; ATTARI, Azadeh; REZAEI, Somaye. **Violência do parceiro íntimo em relação a esquemas iniciais desadaptativos em um grupo de mulheres iranianas em atendimento ambulatorial**. Procedia - Ciências Sociais e Comportamentais, v. 30, p. 1374-1377, 2011. doi: 10.1016/j.sbspro.2011.10.266.

LOBBESTAEL, Jill. et al. **Desenvolvimento e avaliação psicométrica de um novo método de avaliação para experiências de maus-tratos na infância: a Entrevista**

sobre Eventos Traumáticos na Infância (ITEC). Psiquiatria Infantil e Adolescente e Saúde Mental, v. 10, n. 1, 2016, p. 1-11. doi: 10.1186/s13034-016-0129-5.

MACARINI, Samira Mafioletti; MIRANDA, Karla Paris. **Atuação da psicologia no âmbito da violência conjugal em uma delegacia de atendimento à mulher.** Pensando fam., Porto Alegre, v. 22, n. 1, p. 163-178, jun. 2018. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2018000100013&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 26 de setembro de 2023.

MAIA, Laura Rodrigues. **A cultura do machismo e sua influência na manutenção dos relacionamentos abusivos.** 2017. Disponível em: <<https://repositorio.animaeducacao.com.br/handle/ANIMA/10409>>. Acesso em: 26 de setembro de 2023.

MANUEL, Soraia Cristina Gonçalves. **A violência no namoro entre jovens adultos.** 2014. 44 f. Dissertação (Mestrado em Educação para a Saúde) - Faculdade de Medicina da Universidade do Porto e Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto, Porto, 2014. Disponível em: <<https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/77888/2/33921.pdf>>. Acesso em: 20 de setembro de 2023.

MARTINS, Jayne Cecília; TEIXEIRA, Evandro Camargos. **Determinantes da violência doméstica contra a mulher no Brasil. Pesquisa e Planejamento Econômico (PPE)**, v. 50, n. 2, ago. 2020. Disponível em: <<http://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/10561>>. Acesso em: 20 de setembro de 2023.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **A difícil e lenta entrada da violência na agenda do setor saúde.** Cadernos de Saúde Pública, v. 20, n. 3, p. 646-647, 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-311X200400030000>. Acesso em: 20 de setembro de 2023.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; ASSIS, Simone Gonçalves. Os múltiplos tentáculos da violência que afeta a saúde. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza; ASSIS, Simone Gonçalves (Orgs.). **Novas e Velhas Faces da Violência no Século XXI: visão da literatura brasileira do campo da saúde.** Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2017. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-947662>. Acesso em: 20 de setembro de 2023.

MONTEIRO, Samira Cavalcante; MAGALHÃES, Raphaella Stephannie Rosa; AZEVEDO, Regina Lígia Wanderlei de. **A permanência de mulheres em relacionamentos abusivos à luz da Terapia dos Esquemas.** Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento, Campina Grande, v. 11, n. 16, e113111637417, 2022. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v11i16.37417>. Acesso em: 20 de setembro de 2023.

MOREIRA, Virginia. **Grupo de encontro com mulheres vítimas de violência intrafamiliar.** Estudos de Psicologia, vol. 4, no. 1, 1999, pp. 61-77. Universidad de Santiago de Chile.

NARVAZ, Martha Giudice; KOLLER, Silvia Helena. **Sociedades em Transição: Novos Desafios à Educação**. Cadernos de Pesquisa, v. 36, n. 129, p. 535-556, 2006.

ONU. Organização das Nações Unidas. **Resolução da Assembleia das Nações Unidas**. 1985.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). **O Mundo das Mulheres: Tendências e estatísticas**. Departamento de Assuntos Econômicos e Sociais, 2010. Disponível em: <http://unstats.un.org/unsd/demographic/products/Worldswomen/WW2010pub.htm>. Acesso em: 20 de setembro de 2023.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Relatório Mundial de Violência e Saúde**. Genebra, 2002

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. **Prevenção da violência sexual e da violência pelo parceiro íntimo contra a mulher: ação e produção de evidência**. Washington: OPAS, 2012.

PAIM, Kelly; CARDOSO, Bruno Luiz Avelino. **Terapia do Esquema para Casais: Base Teórica e Intervenção**. 1ª edição. Porto Alegre: Artmed, 2019.

PAIM, Kelly; FALCKE, Denise. **Perfil discriminante de sujeitos com histórico de violência conjugal: O papel dos Esquemas Iniciais Desadaptativos**. Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva, v. 18, n. 2, p. 112-129, 2016. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/psi-69736>. Acesso em: 30 de junho de 2023.

PAIM, Kelly; MADALENA, Marcela; FALCKE, Denise. **Esquemas iniciais desadaptativos na violência conjugal**. Rev. bras.ter. cogn., Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p. 31-39, jun. 2012. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-56872012000100005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 13 de junho de 2023.

PETRY, Milene Correa; PETRY, Lissia Ana Basso. O trabalho com imagens mentais. In: WAINER, Ricardo et al. (Orgs.). **Terapia cognitiva focada em esquemas: integração em psicoterapia**. Porto Alegre: Artmed, 2016. p. 129-146.

RAFAELI, Eshkol; BERNSTEIN, David P.; YOUNG, Jeffrey E. **Terapia do Esquema: Características Distintivas**, Routledge, 2015. ISBN 9780415462990. Publicado em 26 de outubro de 2010.

RANGE, Bernard Pimentel; FALCONE, Eliane Mary de Oliveira; SARDINHA, Aline. **História e panorama atual das terapias cognitivas no Brasil**. Rev. bras.ter. cogn., Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, dez. 2007. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-56872007000200006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 26 de setembro de 2023.

RAZERA, Josiane; CENCI, Cláudia Mara Bosetto; FALCKE, Denise. **Violência Doméstica e Transgeracionalidade: Um Estudo de Caso**. Revista de Psicologia da IMED, Jan.-Jun, 2014, v. 6, n. 1, p. 47-51. Disponível em

<<https://seer.atitus.edu.br/index.php/revistapsico/article/view/433>>. Acesso em 20 de setembro de 2023.

RIJO, Daniel; WAINER, Ricardo. O modelo teórico: esquemas iniciais desadaptativos, estilos de enfrentamento e modos esquemáticos In: WAINER, Ricardo et al. (Orgs.). **Terapia cognitiva focada em esquemas: integração em psicoterapia**. Porto Alegre: Artmed, 2016.

ROSA, Larissa Wolf da; HAACK, Karla Rafaela; FALCKE, Denise. **Rompendo o Ciclo de Violência na Família: Concepções de Mães que Não Reproduzem o Abuso Sofrido na Infância com Seus Filhos**. Revista de Psicologia da IMED, v. 7, p. 26-36, 2015. DOI: 10.18256/2175-5027/psico-imed.v7n2p26-36.

SACRAMENTO, Livia de Tartari e; REZENDE, Manuel Morgado. **Violências: lembrando alguns conceitos**. Aletheia, Canoas, n. 24, p. 95-104, dez. 2006. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942006000300009&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em 26 de setembro de 2023.

SILVA, Andrey Ferreira da; et al. **Contribuições do grupo reflexivo para o enfrentamento da violência conjugal: estudo descritivo**. Online Brazilian Journal of Nursing, Vol. 17, No. 2, 2018. DOI: <https://doi.org/10.17665/1676-4285.20185982>.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. **Rede de apoio à violência doméstica contra as mulheres**. Em: CAMPOS, Dalvan Antônio de et al. Produção de material online. Disponível em: https://unասus-cp.moodle.ufsc.br/pluginfile.php/188252/mod_resource/content/35/cartilha/un2/index.html. Acesso em: 13 de junho de 2023.

VALENTINI, Felipe; ALCHIERI, João Carlos. **Modelo clínico de estilos parentais de Jeffrey Young: revisão da literatura**. Contextos Clínic, São Leopoldo, v. 2, n. 2, p. 113-123, dez. 2009. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-34822009000200006&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em 12 de outubro de 2023.

VALENTINI, Felipe; ALCHIERI, João Carlos; LAROS, Jacob Arie. **Evidências de validade da versão reduzida do Young Parenting Inventory (YPI)**. Paidéia (Ribeirão Preto), v. 23, n. 56, p. 293–300, set. 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/paideia/a/sLbcWLdDx7BWpRkXrQRf7ns/abstract/?lang=en#>. Acesso em: 13 de junho de 2023.

WAISELFISZ, Julio Jacobo. **Mapa da violência 2015 homicídio de mulheres no Brasil**. Brasília: OPAS/OMS, ONU Mulheres, SPM e Flacso, 2015. Disponível em: http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2015/MapaViolencia_2015_mulheres.pdf. Acesso em: 10 julho 2023.

YOUNG, Jeffrey E.; KLOSKO, Janet S. **Reinventando sua vida: o programa revolucionário para acabar com o comportamento autodestrutivo e ser feliz novamente**. Nova York: Reimpressão, 1994

YOUNG, Jeffrey E.; KLOSKO, Janet S.; WEISHAAR, Marjorie E. **Terapia do Esquema: Guia de Técnicas Cognitivo-comportamentais Inovadoras**. Artmed Editora, 2008.

NUP: 23081.154541/2023-02

Prioridade: Normal

Homologação de ata de defesa de TCC e estágio de graduação

125.322 - Bancas examinadoras de TCC: indicação e atuação

COMPONENTE

Ordem	Descrição	Nome do arquivo
12	Ata de defesa de trabalho de conclusão de curso (TCC) (125.322)	TCC (1).pdf

Assinaturas

12/01/2024 09:57:26

NATALIA FERNANDA GNOATTO (Aluno de Graduação - Aluno Regular)
06.09.12.01.0.0 - Psicologia - 18391



Código Verificador: 3737924

Código CRC: 6512ffd8

Consulte em: <https://portal.ufsm.br/documentos/publico/autenticacao/assinaturas.html>

